



# Um ensaio sobre o “gastrocolonialismo”

Gilberto Felisberto Vasconcellos\*

## RESUMO

Dominação colonial. O espaço e o tempo alheios ao homem. Antônio da Silva Mello, nascido em Juiz de Fora, cidade de Minas Gerais, foi o médico brasileiro a compreender o saber médico sob as injunções do processo colonial. O tema recorrente do “gastrocolonialismo”, termo esse criado por nós, designa a perversa universalização em detrimento da regionalidade. A dialética do universal e do particular. A provocação na área antropológica sobre a superioridade do homem tropical. A vanguarda intelectual europeia das artes. Nascimento da psicanálise.

Palavras-chave: “gastrocolonialismo”; medicina; trópicos.

## SUMMARY

*It is colonial domination. Space and time are not aware of man. Antônio da Silva Mello, born in Juiz de Fora, a city of the state of Minas Gerais, was a Brazilian doctor who could understand what it means to be a doctor under the colonial process. The recurrent term “gastro-colonialism” was created by us and means perverse universalization in detriment of regionalism. The dialectics of the universal and the individual. The provocation in the anthropological area about the superiority of the tropical man. The European intellectual avant-garde of the arts. The birth of psychoanalysis.*

*Key words: tropics, medicine, “gastro-colonialism”.*

## RESUMEN

*Dominação colonial. El espacio y el tempo ajenos al hombre. Antônio da Silva Mello, nacido en Juiz de Fora, ciudad de la provincia brasileña de Minas Gerais, fue el médico brasileño a comprender el saber médico bajo las imposiciones del proceso colonial. El tema recurrente del “gastrocolonialismo”, término creado por nosotros, designa la perversa universalización en menoscabo de lo regional. La dialéctica del universal y del particular. La provocación en el área antropológica sobre la superioridad del hombre tropical. La vanguardia intelectual europea de las artes. Nacimiento del psicoanálisis.*

*Palabras-clave: trópicos; medicina; “gastrocolonialismo”.*

**A**o meu amigo Luiz Baêta Neves, mando um texto escrito especialmente para esta revista sobre um autor mineiro que viveu décadas no Rio de Janeiro: o doutor Silva Mello (1886-1973), um extraordinário médico com grande e abonada clientela, da qual faziam parte, por exemplo, Chateaubriand e Rockefeller.

Silva Mello morou no bairro do Cosme Velho, onde meu livro juvenil *De Olho na Fresta* foi editado por Max da Costa Santos no final dos anos 70. Foi na casa de Max que conheci o professor Luiz Baêta Neves. Não poderia imaginar que, logo ali, nas Águas Férreas, estava o número 792, a casa do escritor Silva Mello. Depois de muitas leituras, pude verificar as afinidades eletivas do grande escultor com o meu saudoso amigo Gilberto Freyre, a quem dediquei minha reflexão em *O Xará de Apipuaçu*, publicado no ano passado em São Paulo.

Gilberto Freyre prefaciou Silva Mello quando este fez sua estréia literária através de uma crítica contundente ao ensino da Medicina, um ensaio extraordinário – “Problemas de Medicina e de Educação” – justificando ter largado a faculdade do Rio de Janeiro para estudar Medicina em Berlim de 1907 a 1919, tendo clinicado na Suíça durante quatro anos. Um aspecto interessante deste período de aprendizagem vivido na Europa é que ele foi espectador do nascimento da psicanálise freudiana, do bolchevismo de 1917, do expressionismo berlinense e das vanguardas artísticas europeias como o dadaísmo e o surrealismo.

Vindo para cá, em 1919, três anos antes da eclosão da Semana de Arte Moderna, Silva Mello passou incólume a essa agitação artística e cultural, não citando nunca Mário de Andrade e Oswald de Andrade, nem Manuel Bandeira. Seus amigos no Rio de Janeiro se reuniam no Bar Nacional, na mesa freqüentada por Antônio Torres, Gastão Cruls e os irmãos Ozório de Almeida, um dos quais exímio pianista que tocava Wagner no casarão de Silva Mello. Desta patota faziam parte também Juliano Moreira, Roquete Pinto, Chateaubriand, Gilberto Amado e Agripino Grieco.

Outro ilustre prefaciador de Silva Mello é o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, que nunca o consultou na Avenida Almirante Barroso embora bicasse em seus livros a receita da saúde acerca da superioridade da rapadura sobre o açúcar refinado. No prefácio do livro *Assim Nasce o Homem – Filosofia do Parto e da Amamentação*, de 1966, Drummond não economiza elogios a seu amigo e exalta “a mais ampla e estética forma de medicina, materializada

sobre dois fenômenos anatômicos e fisiológicos da vida humana: cárie e alimentação”. A entrada da criança no mundo e os seus primeiros tempos de existência. O seio da mãe. O bico da mamadeira.

O tema central da obra de Silva Mello é a trajetória do homem sobre a terra; trata-se de um humanista com interesse universal – para quem o que importa é a felicidade do ser humano – convencido da identificação entre a alimentação, instinto e natureza, através de um enfoque psicossomático da Medicina, isto é, a fusão da psique e do lastro animal.

Minha leitura, no entanto, não quer privilegiar apenas a dimensão de universalidade contida em sua obra; aliás, estou de saco cheio desse lance próprio às gentes periféricas de enfatizar o universalismo, o “cidadão do mundo”, o homem em geral. O que me interessa em Silva Mello é a particularidade da descolonização do saber médico, depois de ter assimilado de modo crítico a medicina ensinada e praticada em centros hegemônicos da cultura como Berlim, Viena, Paris e Nova York. O toque específico da Medicina brasileira de Silva Mello é a reflexão original sobre o aparelho digestivo e sociedade, o que o levou – na condição do médico que traz da Alemanha a disciplina gastroenterologia para o Brasil – a estudar o ciclo completo da digestão dos alimentos: da boca ou do dente ao dejetos. Com Silva Mello podemos introduzir o conceito de colonialismo no discurso da medicina, espécie de “gastrocolonialismo” que afeta o sangue regando o cérebro do homem. Para esse autor, a crítica da cultura colonizada se dá através do exame minucioso dos vasos sanitários em âmbito mundial, através de uma reflexão inusitada sobre o modelo político e cultural da privada, valendo-se de argumentos anatômicos e fisiológicos.

Além do conhecimento que Silva Mello tinha acerca do que se produzia universalmente na área da ciência médica, sobressai nele a constância em externar sua interpretação pessoal a respeito da vida e da morte do ser humano. A propósito, citemos um trecho de seu livro *Assim Nasce o Homem*, no qual o imperativo da atualização bibliográfica se conecta à sua interpretação idiossincrática: “A minha simpatia e a minha opinião pessoal favorável à chupeta devem provir, em grande parte, do que pode ser observado não somente no recém-nascido, mas também em crianças no primeiro decênio de vida ou mesmo mais tarde. O que se ouve de todos os lados é que a criança das modernas gerações é mais nervosa, mais inquieta, mais agitada, tanto do lado físico quanto do psíquico. Não pode ficar parada, tranqüila; está sempre em movimento, permanentemente faz barulho, parece incapaz de concentrar a atenção. O doutor Harnack, da Clínica Pediátrica de Hamburgo, em trabalho publicado na *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, de 2 de janeiro de 1951, mostra que 17% dos meninos e 7% das meninas sofrem de superatividade motora, no sentido que acaba de ser indicado”.

Se nele é visível a preocupação em tomar conhecimento

do que era publicado na *British Medical Journal*, *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, *Presse Médicale*, *Journal of American Medical Association*, *Medical Research Council*, por outro lado não é menor seu interesse em conhecer e analisar os aspectos regionais e particulares da cultura brasileira, inteirando-se profundamente das questões folclóricas e etnológicas, citando amiúde sua vivência familiar na zona da mata mineira, opinando a favor da rapadura e contra a moderna industrialização do açúcar refinado, estudando o berço, a cadeira de balanço e a rede de dormir do ponto de vista do sistema nervoso e como recurso pedagógico e terapêutico. Referimo-nos ao estupendo estudo de Silva Mello *O Uso da Rede, do Berço e da Cadeira de Balanço e as Suas Vantagens*, que serviu de antologia ao livro *Rede de Dormir*, do folclorista Luís da Câmara Cascudo. Vale a pena citar alguns trechos do artigo do doutor Silva Mello com objetivo de, no presente projeto de pesquisa, indicar a acepção que damos à sua medicina descolonizada, além de aludir ao nosso propósito de investigar o relacionamento intelectual entre o esculápio juiz-forano e o folclorista potiguar, contribuindo para imprimir ao nosso trabalho um caráter interdisciplinar.

Eis o que escreve Silva Mello, depois de solicitado por Luís da Câmara Cascudo, que dele queria saber se a rede de dormir era prejudicial à saúde: “Eu próprio acredito que a rede seja, nos países de clima quente, a cama ideal para se dormir e repousar, como parece demonstrado pelas populações primitivas que a adotaram de maneira tão geral, e também pelas vantagens que seu uso pode oferecer ao homem civilizado. Não há dúvida que a rede, quase sempre tecida de malhas lanças e abertas, facilita a ventilação do corpo, mormente pelo fato de ficar suspensa no ar. São condições higiênicas de primeira ordem para as regiões de clima quente, favorecendo, de tal maneira, a tolerância pelo calor que é freqüente os habilitados não mais suportarem a cama comum, sobretudo durante os grandes calores do verão”.

A seguir, relata Silva Mello a visita que lhe fez no Rio de Janeiro um célebre cientista do nosso tempo, a fim de pôr em relevo as condições culturais particulares entre um país e outro. “Lembro-me de Einstein quando, depois de um almoço em nossa residência do Cosme Velho, passou à varanda armado de um grande charuto e, vendo uma bela rede boliviana, aberta e convidativa, procurou nela deitar-se para uma pequena sesta. Foi impagável e ridículo ao mesmo tempo! O grande gênio, então bastante barrigudo, ficou em posição tão falsa, tão dura e desajeitada, que teve de levantar-se e voltar para a cadeira. Não conseguiu ficar deitado senão alguns momentos, achando a posição incômoda, insuportável. O seu corpo devia estar por demais habituado às condições de vida do homem civilizado, seguidas através de um extraordinário número de gerações.”

À vida e sobre a obra de Silva Mello não deve soar

esdrúxulo se lançarmos mão da categoria do colonialismo aplicada ao saber médico. Julgamos necessário explicar, ainda que sucintamente, em que sentido tomamos o vocábulo “colonial”, isto é, na acepção dada pelo filósofo Ortega y Gasset em seu livro *Meditación del Pueblo Joven y Otros Ensayos sobre América*, no qual a existência colonial não pertence ao espaço geográfico em que vive.

Para o homem colonial, o espaço e o tempo lhe são alheios, decorrendo daí a falta de autonomia mental e a negligência pela natureza bioenergética que o circunda. Assim considerando, evidentemente a Medicina não estará imune ao fluxo colonizado da vida social. Sob esse ângulo é que iremos conduzir a leitura da obra de Silva Mello, pesquisando o que há nela de dialética entre o regional, o nacional e o mundo, porque ele se nos afigura como paradigma de uma medicina descolonizada no Brasil.

Uma amostra da descolonização mental da medicina brasileira operada por Silva Mello encontra-se neste longo trecho que merece ser lido com atenção: “Quando estive recentemente em Recife, tive a ocasião de fazer uma visita ao SAPS, também lá uma excelente organização, de acordo com todas as exigências científicas. No entanto, soube em conversa que os diretores queriam suprimir a farinha de mandioca dos cardápios. Por quê? Unicamente porque a farinha era de mandioca, pretendidamente encharcava no estômago e era pobre de sais e vitaminas. Eu, por mim, gostaria que fornecessem justamente mais farinha de mandioca à gente daquela região, sempre criada com abundância desse alimento, mas principalmente porque os índios se arranjam muito bem com ela, até descobrindo uma técnica muito avançada para o seu preparo. Além disso, verifiquei que o coentro havia sido suprimido da alimentação fornecida por essa instituição, embora dois ou três anos antes, fosse o seu consumo elevado, como pude julgar por uma lista de alimentos, que por um acaso veio ter às minhas mãos. Por quê?

Explicaram-me que a supressão havia sido motivada pelo fato de o coentro não possuir quase valor nutritivo em calorias, não passando de um simples tempero.

É diante disso que desejo lavar meu protesto, para que coloquemos o coentro, a farinha de mandioca e inúmeros outros alimentos nacionais ou regionais nos nossos cardápios. Chegou o momento de olharmos para essas realidades, de procurarmos nos nutrir segundo as necessidades reais do nosso organismo, de acordo com o passado humano, tão cheio de ensinamentos que nos mostram quanto andamos errados, mormente acreditando que a ciência moderna, sobretudo dos americanos, que tem avassalado o mundo, haja resolvido os graves problemas da nossa nutrição”.

É por esse motivo que se impõe aqui a análise do elemento que norteia este livro excêntrico e misterioso intitulado *A Superioridade do Homem Tropical*, para a apreciação da convergência de seu pensamento com a noção de trópico posta em relevo sociológico por Gilberto Freyre. Até agora pouco ou quase nada se conhece das conversas do sociólogo de Apipucus com a tropicologia médica de Silva Mello, cujo livro sobre a gênese do homem tropical não significa nenhuma provocação, e sim o resultado do saber de experiência feito a partir da natureza física condicionante da trajetória do homem na Terra. O que está em pauta é o foco dado à maneira pela qual e ao porquê da ocorrência com Silva Mello da *desalienação* do saber médico em relação à energia dos trópicos.

Silva Mello possui uma singularíssima biografia, tendo em mira o que ele próprio escreveu em *Assim Nasce o Homem*. “Eu penso na variabilidade infinita das impressões digitais, que permitam classificar qualquer ser humano como um indivíduo por si, diferente de todos os outros existentes, mesmo dos que existiram ou virão a existir”.

## Bibliografia

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir*. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- MELLO, Antônio da Silva. *Problemas de ensino médico e de educação*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Alimentação, instinto e cultura: perspectivas para uma vida mais feliz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- \_\_\_\_\_. *O homem: Sua vida, sua educação, sua felicidade*. 4ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- \_\_\_\_\_. *A alimentação no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Mistérios e realidades deste e do outro mundo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Alimentação humana e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Nordeste brasileiro: estudos e impressões*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Estudos sobre o negro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Panoramas da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Estados Unidos: Prós e contras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Panoramas norte-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Assim nasce o homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación del pueblo joven y otros ensayos sobre América*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

\* Gilberto Felisberto Vasconcellos é Doutor em Ciências Sociais pela USP e professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.